

HÖLDER,
DE HÖLDERLIN

HÖLDER,
DE HÖLDERLIN
MARIA GABRIELA
LLANSOL

_____ este é um abrigo na orla
do bosque — metade árvore, metade construção de ramos mortos;
nesta árvore de vida, o declive do telhado é firme, impenetrável à erosão da chuva;
como cada um chegou com a sua árvore — Hölderlin com *quaercus*, Joshua com *pinus lusitanus*, Giordano com a sua nogueira, há três árvores em torno da porta aberta de par em par;
uma união às portas do paraíso;
este é, de facto, um bosque de pinheiros marítimos — um pinhal —, e a agitação do vento circula na base, impelindo as janelas a uma velocidade de grande rapidez;
aqui, as estrelas brilham por cima das cabeças, e os cheiros vindos do mar entram pelas narinas, e os orifícios das raízes;
Hölderlin (*quaercus*, do nome de carvalho) sentiu uma grande ausência: a sua cabeça ia abandoná-lo, e ele levantou-se ainda para ir no seu

encalço com os braços; tudo principiava pelo som — o som de fazer o último poema.

_____ Hölderlin sentou-se silencioso à minha frente que sou casa — não disse nada — mas eu conhecia quais eram os seus verdadeiros pensamentos pela inconstância do seu olhar; olhar que me era dirigido, longa e baixa, que terminava nas paredes, e principiava nas janelas.

Do outro lado do mar, realizando-se num só instante, havia a floresta onde tinham sido abatidas algumas árvores para dar nascença primeiro ao parque, depois ao jardim; mas restavam ainda massas vegetais que difundiam um raio de figuras verdes que metiam medo a Hölderlin; ele morava em mim rectangular com triângulos arquitectónicos sobre as janelas, e janelas de vidros multicores de onde se perdia de vista o meu próprio interior sombrio.

Os cavalos chegavam e partiam com pancadas certas sobre as lajes, e os mensageiros cruzavam-se com as suas cartas à volta de Hölderlin, que esperava;

ele dava o passeio da noite, com as botas produzindo um bater intermitente nos bordos da floresta; tinha receio da árvore-maior — da sua árvore *quaercus* —, onde tronco, folhas, altura brilhavam, ou escureciam de grandeza; eu sabia que ele jamais penetrara no seu domínio inalterável e incorruptível porque, atravessando-o em linha recta, julgava ter uma estatura menor do que esse génio da natureza.

Ao som de «natureza» ouviu o gemido de um cavalo atravessar os ares, e o último mensageiro — o das dez horas —, pedir uma cerveja, e deitar a carta no cesto de pão que estava sobre a pedra.

«Agora pergunto-te, dizia a carta, os deuses da Grécia morreram?».

Era a forma de afirmar, perguntando, que os deuses da Grécia morreram. «Sim, morreram», comprovou Hölderlin, sabendo o que lera. «E eu, suspirou, como viver sem essa diferença entre os deuses e os homens?». Olhou para mim que avaliou, ao longe, incapaz de renovação, e sem luzes; avançou para as minhas janelas com uma hesitação que se ia multiplicando; procurou-me a porta, e não encontrou nenhum sentido.

«Será que o Cristo apagou os deuses, e dividiu em miríades de luzes dispersas o meu espírito?».

Alguém — que sou eu —, estava a meio da porta e o recebeu com um abraço universalmente verdadeiro.

II

«Como a tua cabeça configura uma árvore», disse Myriam, abrindo o vestido para lhe deitar o leite na chávena de Saxe. «Estais unidos como irmãos». Quando a chávena ficou cheia, voltou o mamilo para o vaso em que se servia o leite. «Quero que me deixem totalmente na floresta — ouvia-o dizer; não tenho medo de perder-me porque, para a minha alma, o perigo é nulo.»

O fio de leite tinha o pendor de Diotima quando ela se debruçava sobre ele: ela desenhava, ele estudava _____ as crianças sentiam-se presas ao encanto de Hölderlin, e não ao livro aberto; era a hora da sonolência que sobrevinha ao estudo, não havia mais um único estímulo na sala. O cálculo fazia-se noutra mesa, e Hölderlin, com uma excessiva palidez no rosto, falava-lhes do pigmento que dá cor verde aos vegetais; Diotima afastava os reposteiros pesados que cobriam a porta, e desaparecia com o estofo macio da saia roçando pelo chão;

o sonho tinha a composição do seu corpo nu
jamais entrevisto
e a sala que se extinguia na sua memória, sem
deixar vestígios,
estava aberta, encostada a um ninho,
que era o seio nascente de Diotima,
e da árvore;
a partir da coroa do seio desenvolvia-se uma
penumbra violácea que concentrava a atenção.

III

na areia, a vinte passos do mar, era ele, falava
com o pôr-do-sol: «por que é que o poente
nunca é tão intenso como o regaço»; a falar,
perguntava, e a adorar lançava-se a subir a es-
cada do entendimento, num ritmo a que fe-
chava os olhos; por detrás dele, estava Joshua
carregado com o seu pinheiro — ambos um
só; sentia, no momento da adoração, a sua pre-
sença íntima, como sentia a areia das impres-
sões de luz reenviadas pelo mar; não dizia mais
nada, a sua garganta melódica emudecia — era
profundo e rutilante o disco do sol poente; via-
-se nitidamente envolvido pelas letras do seu
nome, e toda a paciência que havia de esgotar
na sua vida fixara-se nesse sol poente — no
horizonte; com a adoração — subitamente —,
subiu-lhe aos lábios a Paixão: louco, e com pa-
ciência, dizia a areia caindo com cor da clepsi-
dra das suas mãos; ouvia sons nasalados que
brilhavam ao crepúsculo do mar; Myriam viu